

Re(senhas)

ISSN: 3085-6434•

DOI:

<https://doi.org/10.71263/3ne33h57>•

UM JOGO BASTANTE PERIGOSO: Sobre Literatura e Filosofia

Adalgisa Leão¹

Considerações Iniciais

O presente texto se origina de uma certeza: a centralidade da Literatura na minha vida. Mesmo antes de chegar onde eu estou e de ser o que eu seria no campo profissional – professora e no ensino superior – na interseção entre a Pedagogia e a Filosofia. Isso porque, desde que me *entendo por gente*, a Literatura está lá. Desde a mais tenra idade, minha vida é transpassada pela Literatura e pelos livros.

¹ Professora efetiva da UPE. Doutora em Educação pela UFPE.

Para o momento em que escrevo esse texto, a expressão pode soar estranha, *démodé*, anacrônica... mas Adalgisa sempre foi uma “leitora de carteirinha”: quando eu não tinha recursos financeiros para comprar livros, eu frequentava a Biblioteca Pública do Estado, no centro da cidade do Recife, ao lado do Parque Treze de Maio. Esse preâmbulo para dizer que o tema me é muito caro! De relevância e importância para os processos de subjetivação, dos quais atualmente posso contribuir como profissional.

A Literatura como um belo perigo

Pensei, inicialmente, em nomear essa intervenção de “O belo perigo”, roubando – ou seria melhor, mais polido, dizer *me apropriando* – descaradamente de um texto muito famoso do filósofo francês Michel Foucault, que fala justamente, de Literatura.

Mais precisamente, Foucault vai explicitar que tem, para com a escrita, “uma desconfiança quase moral” (2016, p. 36). E, em um gesto pouco usual, opera o seu método de pesquisa contra si mesmo, isto é, ao invés da *epoché* dos fatores biográficos, do contexto social e cultural, ele investe em narrar a sua relação própria com a escrita. E nos revela que uma das suas recordações mais antigas nesse assunto é justamente a dificuldade que teve para *escrever bem!* Escrever bem no sentido da educação básica – eu, como Pedagoga, me interesse bastante – ou seja, encher as páginas com letras legíveis. Aqui, um parêntese seria

interessante sobre o sistema educacional francês, mas vou nos poupar dessa parte. Foucault continua sua digressão:

Acho – na verdade, tenho certeza – que eu era na minha sala e na minha escola o mais ilegível. Isso durou muito tempo, até os últimos anos do ensino fundamental. [...] E aí, portanto, uma relação com a escrita um pouco complicada, um pouco sobrecarregada. Mas há outra recordação, mais recente. É o fato de que, no fundo, nunca levei muito a sério a escrita, o ato de escrever. Só fui sentir vontade de escrever por volta dos 30 anos. [...] Para chegar a descobrir o prazer possível da escrita, foi preciso que eu estivesse no exterior (2016, p. 38).

Para toda uma geração do pensamento filosófico francês, existe uma estreita relação entre leitura e escrita, e, de maneira mais conceitual, entre a Literatura e a Escritura. Como também, a relação com o *fora*. Assim, nesta minha argumentação, tomo por Literatura uma trapaça salutar, uma esquivia, uma habilidade de trabalhar com a língua *fora do poder*.

Entendo por Literatura, com “L” sempre maiúsculo – mesmo quando trato de uma Literatura Menor, como diria Deleuze – não um corpo canônico ou uma sequência de obras, nem mesmo um setor acadêmico e/ou de ensino, mas o grafismo complexo das pegadas – como a de um animal – de uma prática: a prática de escrever (Barthes, 2007). Tenho como sustentação desse meu entendimento, essencialmente o texto, que me permite dizer indiferentemente *Literatura*, *Escritura* ou *Texto*. O que se depreende desse conceito, é a força de liberdade que reside na Literatura.

A Literatura assume muitos saberes e, defendo aqui que todas as ciências estão presentes no monumento literário, quaisquer que sejam as escolas em nome das quais ela pode se declarar. A Literatura faz girar os saberes (Barthes, 2016) e isso é bastante perigoso. Não seria essa também a tarefa da Filosofia?

O Jogo Adiliano

Como frequentei muitas bibliotecas e, como em seus interiores repletos de estantes, nelas convivem livros de poesia e tratados filosóficos, ensaios críticos e textos históricos, considero que tenho em comum com Michel Foucault uma experiência de *leitura sem barreiras*. Na biblioteca – não exatamente a *Biblioteca de Babel* de Jorge Luís Borges, mas talvez também nela – a ordem dos discursos pode ser desconstruída, de modo que a Literatura advém aos nossos olhos. Há quanto tempo você não entra em uma biblioteca física?

Foi então que decidi nomear esta minha fala de *Um Jogo Bastante Perigoso*. Decidi roubar de outra pessoa! De quem, afinal? Notem que, como em um conto de suspense ou mesmo em um texto novelesco, estou desde o início retardando adentrar oficialmente no tema que me propus. E, mais do que isso, sem fornecer um desfecho. E esse gesto é uma técnica de narrativa. Foucault diria “dispositivo literário”, “dispositivo ficcional”. Isso é uma *estratégia de escritura*, o que estou pondo em funcionamento aqui.

Mas o faço para prestar homenagem à minha autora. Enfim, uma pista: uma mulher! Deveras misteriosa. *Um Jogo Bastante Perigoso* é o título da obra inaugural de Adília Lopes. Mas Adília, Adília mesmo, não existe! E isso é o que me encanta.

Adília Lopes, é o pseudônimo literário de Maria José da Silva Viana Fidalgo de Oliveira, que nasceu em Lisboa, em abril de 1960. Me interessou trazê-la porque para além da minha idiossincrasia, ela é uma figura interessante para nós: cursou a licenciatura em Física (Universidade de Lisboa) mas abandonou o curso, por conselhos médicos, quando já estava prestes a concluir: teve psicose esquizo-afetiva, episódio provavelmente gerado pelas questões filosóficas dentro do estudo da Física. Foi então estudar Letras em 1983, mais especificamente “Literatura e Linguística Portuguesa e Francesa” e foi então que começou a escrever. Inicia as publicações de sua poesia no *Anuário de Poetas não Publicados* da editora Assírio & Alvim (1984) e em 1985 veio este livro, bastante perigoso!

A recém-nascida poetisa compreendeu rápido que muito está em risco quando se entra no jogo da escritura. Quando se escreve poesia. O título desse livro é, portanto, uma coisa impressionante: porque a escritura é mesmo isso: *um jogo bastante perigoso*. É um jogo bastante perigoso quando nos propomos a exercer a experiência de pensamento filosófico através e com a Literatura, porque se trata de uma exposição do sujeito que se lança no branco da página. A Literatura, assim como a Filosofia, nos leva a lugares inimagináveis, não previstos, não dados de antemão e não seguros.

O trabalho poético de escritura de Adília Lopes muito tem o que nos incitar. Se observamos “O presente”, poema que integra esse livro, podemos descrevê-lo como uma tese em íntima relação com as proposições sobre o gato de Schrödinger! Adília é um presente filosófico.

Palavras-chave: jogo; escritura; literatura; Adília Lopes.

Referências

BARTHES, Roland. Aula. São Paulo: Cultrix, 2016.

FOUCAULT, Michel. A grande estrangeira. Belo Horizonte: Autêntica, 2016.

LOPES, Adília. Um jogo bastante perigoso. Belo Horizonte: Moinhos Editora, 2018